

OS LAÇOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS: UMA DISCUSSÃO ACERCA DAS IDENTIFICAÇÕES

*Ticiane Chaves Banhos
Clara Virgínia de Queiroz Pinheiro*

A preocupação atual com a saúde, como bem supremo e fim em si, e a submissão dos sujeitos às normas corporais, higiênicas, médicas e estéticas, constituem, consoante a visão antropológica, uma sociedade dominada pelo valor da vida, remetida à anatomia e tomada como funcionamento corporal medido por critérios biológicos, tal como abordado pela perspectiva arqueológica foucaultiana da anatomopolítica do corpo, denominada em Rabinow (1999) de “biossociabilidade”. Segundo esse autor, tal experiência social resulta da instalação da nova genética em todo o tecido societário por meio das práticas médicas em interação com a biotecnologia e o capital (1999, p. 147).

Esta obediência dos sujeitos às prescrições para uma vida longa tem como ponto de partida a “retórica do risco”, elemento estruturante básico da “biossociabilidade” (ORTEGA et al., 2008, p. 33). O risco, ao ser enfatizado pelas práticas médicas e outros discursos, promove o trabalho de cada um sobre si de uma maneira contínua, a fim de produzir um sujeito eficiente, adaptável, autônomo e também responsável, o qual orienta suas escolhas e estilos de vida para a procura da saúde, do desempenho corporal e do afastamento dos riscos. Cabe aqui destaque para a terceira idade, como modelo da qualidade de vida, pois esta se torna hoje a última tentativa de permanecer jovem e vital. A velhice, na contemporaneidade, passa a ser reconstituída como um estilo de vida mercadológico que conecta os valores da juventude com as técnicas de cuidado corporal. Os idosos da atualidade são apresentados como saudáveis, joviais, longevos, engajados, produtivos, autoconfiantes e em plena forma física.

Não é por acaso que assistimos hodiernamente à proibição do fumo em lugares públicos, à obsessão pela saúde, à preocupação ambiental em larga escala, ao

crescimento da demanda por produtos alimentícios naturais e integrais, bem como à oferta de alimentos industrializados cada vez mais naturalizados, cuja imitação dos primeiros não perde em frescor, aparência nem em termos de ingredientes nutricionais e de saúde; pelo contrário, já são apresentados no mercado como opções superiores aos produtos naturais, dentre outros.

Com efeito, pode-se dizer que a vida, como referência corporal, está rearticulando os valores que anteriormente constituíam os sujeitos, tais como os religiosos, morais, políticos e éticos, por exemplo, substituindo-os pelas regras higiênicas, desempenho físico, longevidade, prolongamento da juventude etc.

Nos termos de Costa (2011), isto significa dizer que “o mito científico encampou o direito intelectual de dar sentido a vida. Ocorreu, com isso, uma guinada no terreno dos valores. O sentido da vida, antes referido, primordialmente, a valores religiosos, éticos ou políticos foi deslocado para o plano do debate científico” (2011, p. 3). Acrescenta o autor que a ciência não eliminou os antigos valores, mas efetivamente, os reordenou em uma nova hierarquia, tornando a ética, *exempli gratia* (e.g.), bioética ou correlato moral do ideal natural da qualidade de vida; o mundo humano transforma-se em uma cidade ecológica ou ambiental; a boa política, no momento, diz respeito ao cuidado com o ambiente físico da espécie natural, ao passo que o justo está relacionado com o saudável. Afora isto, o correto é o que se conforma ao projeto da vida bem-sucedida, do ponto de vista biológico, e a boa religião é a que se harmoniza ao ideal da boa saúde. E, por fim, “a antiga “vida reta, boa ou justa” deixou de ser o padrão ideal das condutas. No lugar da “*excelência virtuosa da vida*” surge um novo padrão, a “*qualidade de vida*”” (COSTA et al., 2011, p. 3).

Sob tal ponto de vista, trata-se, então, de uma nova “renaturalização” dos atos humanos, que não descarta os antigos valores, mas tenta retraduzi-los na ideologia

científica. O cuidado de si, por exemplo, antes voltado para o desenvolvimento da alma, dos sentimentos ou das qualidades morais, migrou a atenção para a longevidade, a perfeição da saúde físico-mental, a juventude, em suma, para a “*fitness*” (COSTA et al., 2004, p. 3).

Haja vista o fato de que os laços sociais hoje se estabelecem com amparo na referência à vida, ao lê-los à luz da teoria freudiana das identificações - desenho explicativo que, em sua forma ideal, se encontra na base dos laços sociais, tal como proposto pelo modelo freudiano - é possível dela inferir dois modelos de identificações ideais: o ideal como referência e a encarnação do ideal.

O primeiro implica tomar o ideal como referência, com base no qual os sujeitos se reconhecem por laços de reciprocidade, não se reduzindo a ele, mas transformando-se segundo os seus traços, na medida em que o assimilam. Neste caso, está envolvida uma relação identificatória que inscreve o sujeito no campo da alteridade e cujo maior exemplo é o pai morto, o qual serviu de referência para os filhos no momento fundador dos laços sociais. Tal formação do laço, proposta por Freud (1912[1913]1969), dá origem ao grupo humano articulado em torno de uma lei paterna, isto é, um pai desmaterializado, ideal impossível de ser encorpado, pois se trata de um lugar sempre vacante. Ao submeterem-se a ela, os irmãos saem de uma condição de natureza para ascenderem à cultura. Assim, tal ligação com um mesmo ideal - o pai morto - sustenta a identificação dos sujeitos entre si como membros de uma comunidade que se funda sobre a lei paterna.

Já o segundo supõe a sujeição a um objeto, cuja presença, ao se localizar no lugar do ideal do ego, instância simbólica que em sua constituição comporta vários modelos de identificações passadas, representa-o completamente, tornando-se, pois, idealmente superpoderoso. Essa “substituição” do ideal do ego pelo objeto, em sua

concretude, provoca a devoção a este último, já que ele se conserva nesse lugar “hipercatexizado” a expensas da alteridade. Tal fenômeno é denominado por Freud (1921/1969) de “servidão” ou “fascinação”, sendo ele um elemento característico das massas (1921/1969, p. 144).

Consoante ensina Freud (1914/2004), o ideal do ego, além de ser uma formação singular relacionada ao eu, também é uma instância que serve para explicar manifestações psíquicas tão específicas, como, por exemplo, a Psicologia das massas. Sobre isto, Freud (1914/2004) assinala: “esse ideal tem, além de sua parcela individual, uma parcela social, o ideal comum de uma família, de uma classe e de uma nação” (1914/2004, p. 118).

A massa, sob a ótica de Freud (1921/1969), é “um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do ego, e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros” (1921/1969, p. 147). Esta estrutura libidinal intensa - ou seja, a colocação do objeto no lugar do ideal do ego e a identificação – mantém a massa unida, uniforme e homogênea, nela estando também em jogo a presença da ilusão de um substituto paterno idealizado, que cuida e ama todos os membros com amor igual, o que faz Enriquez (1991) explicitar que a massa está instalada sobre uma base de igualdade. Nestas circunstâncias, são tecidas relações de identidade ao líder ou ideal encarnado, que podem ser ilustradas pelos idosos longevos. Sugere-se, neste trabalho, que esses estão atualmente referidos à norma biológica, tal como a massa, seduzida e fascinada, que segue o seu líder, na medida em que eles parecem se constituir conforme a obediência às normas da qualidade de vida em uma sociedade fundada não no convívio das diferenças, mas calcada na segregação delas.

Quanto ao fato de uma norma poder funcionar de maneira aproximada do líder, tal como suposto neste texto, Freud (1921/1969) já havia assinalado a “(...)

possibilidade de um líder ser substituído por uma idéia dominante” ou “abstração” (p. 121). Sobre isto, ele assevera:

Teremos de considerar se os grupos com líderes talvez não sejam os mais primitivos e completos, se nos outros uma idéia, uma abstração, não pode tomar o lugar do líder (estado de coisas para o qual os grupos religiosos, com seu chefe invisível, constituem etapa transitória) e se uma tendência comum, um desejo, em que certo número de pessoas tenha uma parte, não poderá, da mesma maneira, servir de sucedâneo. Essa abstração, ainda, poderá achar-se mais ou menos completamente corporificada na figura do que poderíamos chamar de líder secundário, e interessantes variações surgiriam da relação entre a idéia e o líder. O líder ou a idéia dominante poderiam também, por assim dizer, ser negativos; o ódio contra uma determinada pessoa ou instituição poderia funcionar exatamente da mesma maneira unificadora e evocar o mesmo tipo de laços emocionais que a ligação positiva. Surgiria então a questão de saber se o líder é realmente indispensável à essência de um grupo, e outras ainda, além dessa (FREUD, 1921/1969, p.127).

Considerando a abrangência do termo “massa” em Psicanálise, e guardadas as devidas proporções entre o líder e a norma biológica, no sentido de só se poder comparar aquilo que não é idêntico, conjectura-se ser possível, com o progresso da “biossociabilidade”, pensar o enlaçamento social contemporâneo organizado em torno de um ideal encarnado, qual seja, a vida encorpada pela norma biológica, parecendo esta funcionar de uma maneira homogeneizante, seduzindo e evocando certo fascínio. Este poder de sedução pode ser visto hoje por meio do investimento maciço na maximização de comportamentos saudáveis e na minimização de procederdes desviantes, consoante a norma biológica. Como leciona Costa (2011),

Inventou-se um novo modelo de identidade, a *bio-identidade*, e uma nova forma de preocupação consigo, a *bio-ascese*, nos quais a *fitness* é a suprema virtude. Ser jovem, saudável, longo e atento à forma física começa a funcionar como a regra científica que legitima ou desqualifica outras preferências e aspirações à felicidade. (...) Tornamo-nos, dessa forma, politeístas tolerantes, sexualmente liberados e complacentes com as pequenas transgressões morais, desde que não ultrapassem o limite de segurança da qualidade de vida e da bioética. Tudo é mais ou menos permitido, se as taxas de colesterol estiverem fora da faixa de risco (2011, p. 3 e 4).

Haja vista essa discussão centrada na perspectiva freudiana, este ensaio investiga se a sociedade contemporânea pode ser examinada à luz da servidão e em que medida ela se aplica à noção de “servidão voluntária”, elaborada por Etienne de La Boétie (2008), como uma obstinada vontade de servir por feitiço a um só elevado à condição de senhor. Nos termos de La Boétie (2008),

Coisa extraordinária, por certo; e porém tão comum que se deve mais lastimar-se do que espantar-se ao ver um milhão de homens servir miseravelmente, com o pescoço sob o jugo, não obrigados por uma força maior, mas de algum modo (ao que parece) encantados e enfeitados apenas pelo nome de um (2008, p. 12).

Para La Boétie (2008), a escolha da servidão não está relacionada ao medo da morte ou à covardia, muito menos ao poder da força. Este momento de “desnaturação” do homem, passagem do ser da liberdade, da fala e da razão, para o sujeito que escolhe a servidão, diz respeito mais ao encantamento e enfeitamento exercidos pela sedução do “nome de um”, ou seja, um homem qualquer, como todos, elevado à condição de “um”, a quem o povo dedica a sua vida (2008, p. 12). Com efeito, se poderia pensar o “um” como líder, a encarnação do ideal ?

Aventa-se que sim, porquanto o “um” da servidão voluntária provoca o enfeitamento e o encantamento, tal como o líder na massa. Como já se viu, com suporte em Freud (1921/1969), a superposição entre o ideal do ego e o objeto provoca um efeito de fascínio e a submissão a esse ser tornado idealmente superpoderoso. Neste escrito, portanto, supõe-se que a relação com a vida, tomada como funcionamento corporal, parece ser predominantemente do tipo servil, pois constituída conforme a obediência às normas de qualidade de vida, tal como a ligação que os servos voluntários mantêm com o tirano. Assim, se pergunta: ainda se vive em uma sociedade de massa, tal como Freud propôs, e quais as implicações de tal idéia para a subjetividade ?

BIBLIOGRAFIA

COSTA, J. F. A subjetividade exterior. **Net**, Fortaleza, março. 2011. Disponível em: <http://jfreirecosta.sites.uol.com.br/artigos/artigos_html/subjetividade.html>. Acesso em: 10 março. 2011.

ENRIQUEZ, E. **Da horda ao estado: psicanálise do vínculo social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. À guisa de introdução ao narcisismo. In **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**, v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. Psicologia de grupo e a análise do ego. In **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

LA BOÉTIE, E. DE. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Brasiliense, 2008;

ORTEGA, F. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008;

RABINOW, P. Artificialismo e Iluminismo. In **Antropologia da Razão: ensaios de Paul Rabinow**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

GUERRA, A. M. C. Identificação e laço social: questões para o psicanalista na contemporaneidade. **Pulsional: Revista de Psicanálise**, São Paulo, ano XVI, n. 168, p. 88-101, abr. 2003.

SOBRE AS AUTORAS:

Ticiane Chaves Banhos. Doutoranda em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Membro do Laboratório de Estudos e Intervenções Psicanalíticas na Clínica e no Social (LEIPCS).

Clara Virgínia de Queiroz Pinheiro. Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) inserida na linha de pesquisa “Sujeito, Sofrimento Psíquico e Contemporaneidade”. Coordenadora do Laboratório de Estudos e Intervenções Psicanalíticas na Clínica e no Social (LEIPCS) e Membro do Grupo de Trabalho “Dispositivos Clínicos em Saúde Mental” da ANPEPP.

